

Reunião no MAM define hoje prioridades na reconstrução

Os membros do conselho deliberativo e da diretoria do Museu de Arte Moderna reúnem-se às 18h de hoje para definir e organizar as atividades de reconstrução, informou ontem a diretora executiva, Heloisa Lustosa. De acordo com o conselheiro Hugo Gouthier, que também é o coordenador do Grupo de Trabalho para a Reconstrução do MAM, na reunião "todos os setores e aspectos de coordenação do Museu, na fase atual, serão definidos de maneira bem clara".

Ele espera ainda hoje começar a receber, da comissão de técnicos da Secretaria de Obras do Estado — incumbida do levantamento e orçamento dos trabalhos de reconstrução, relatórios parciais dos custos prováveis das obras.

Já na próxima quarta-feira, disse ele, ter-se-á "uma definição do total dos custos, num relatório que, embora incompleto, dará um ponto de partida para avaliar os recursos necessários". Estas primeiras estimativas serão entregues ao Ministro Reis Velloso esta semana por Gouthier e pelo presidente do MAM, Ivo Pitanguy.

SEGURO

A proposta da Ajax — Companhia Nacional de Seguros ao MAM, para um novo contrato de seguro contra incêndio — o antigo venceu na última sexta-feira —, está sendo estudada pelo diretor-financeiro interino, Séptimus Clark. Segundo Hugo Gouthier, "tudo será resolvido o mais rápido possível, pois o Museu não pode ficar sem seguro durante muito tempo".

— E natural que se dê preferência à seguradora com a qual já havíamos firmado o contrato anterior. Mas o parecer so-

bre esta questão será dado por Séptimus Clark nesta semana, já que ele está examinando pormenorizadamente a proposta apresentada pela Ajax.

Na proposta de renovação do seguro, a Ajax estipula o valor total do prédio em Cr\$ 34.634.800, assim divididos: área sinistrada (Bloco de Exposições) Cr\$ 9.172.800; área não sinistrada (Bloco Escola e Restaurante) Cr\$ 22.792.000; e mais um seguro para a área denominada passarela, de Cr\$ 2.670.000.

Mesmo ainda não tendo vencido o seguro contra roubo, na nova proposta a seguradora sugere uma adequação da quantia, pois o Museu, neste aspecto, está seguro num valor de Cr\$ 12 milhões. Assim, no relatório apresentado à diretoria do MAM, a companhia adverte: "Se o Museu está sujeito a um furto de valor superior a este, sugerimos um aumento desta importância, para fazer face à Perda Máxima Provável".

A Ajax oferece cobertura no seguro referente à responsabilidade civil, que garante "perdas e danos causados a terceiros pela existência, uso e conservação do Museu — a feitura da contratação deve apresentar, no que se refere à importância segurada, o dano que possa ocorrer a uma pessoa".

CURIOSIDADE

Dois empregados do MAM continuaram ontem a pintar de preto e branco os painéis nos quais serão colocadas as obras abstratas do alemão Julius Bissier, para a primeira exposição a ser realizada no Museu, após o incêndio, a partir do próximo dia 27. Entre os 90 quadros da mostra, há alguns a nanquim, como "Floração desdobrada II", de 1938,

"Símbolo da unidade masculino-feminina", 1934, "19-4-58", "24-4-58" e "7 de Maio de 58", os três datados, como os próprios títulos indicam, em 1958.

TURISTAS

O Bloco de Exposições — o que foi atingido pelo incêndio — vem despertando muita curiosidade, e não só entre os cariocas. Ontem, para vê-lo, alugaram dois ônibus 78 pessoas do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, Minas Gerais e Bahia — participantes do 3.º Encontro Nacional dos Jovens Marianos, que se realiza no Colégio Sagrado Coração, no Alto da Boa Vista.

Eles não conseguiram porém subir ao segundo e terceiro andares do prédio: a passarela de acesso tinha a entrada impedida por uma corda e pela vigilância do porteiro. Um deles, Danilo Celso de Castro, de Minas Gerais, disse estar "impressionado" com o que via.

— Não esperava que a destruição tivesse alcançado essas proporções. Os andares praticamente não existem mais. Pensei que as conseqüências do incêndio, pelo menos aparentemente, fossem mais simples, e imagino que se o Museu não tivesse as barragens de concreto no térreo haveria uma catástrofe, com o desmoronamento do prédio.

Após a saída da excursão, várias pessoas continuaram a chegar. Alguns pais explicavam aos filhos como ocorreu o incêndio, enquanto as crianças mexiam em alguns entulhos, no térreo, à cata de papéis parcialmente queimados que, quando achados, logo eram mostrados às mães, como um catálogo todo chamuscado, com o título — "Primeira Exposição da Jovem Gravura Nacional".

Museus ingleses são praticamente 'à prova de fogo'

CLÁUDIO KUCK,
correspondente do GLOBO

LONDRES — Os responsáveis pelos principais museus britânicos admitem que, por uma grande fatalidade, seria possível ocorrer aqui tragédia parecida com a que destruiu o acervo do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, mas garantem que esta possibilidade é remotíssima: "Nossos museus são praticamente à prova de fogo".

Os jornais "Times", "Guardian" e "Sunday Times" comentaram o assunto, destacando principalmente a perda de quadros de Picasso, Matisse, Klee, Dali, Miró, Rothko, Kandinski, Magritte, Léger e Rivera, além de lamentar a destruição quase completa da obra do uruguaio Torres-Garcia.

Larry Rohter, do "Sunday Times", disse que, apesar de já haver um esforço para iniciar nova coleção no MAM, "há muitas dúvidas sobre o desejo e a boa vontade da maioria dos grandes museus

em emprestar obras para exposições, quando o novo museu for realmente estabelecido".

Em Londres, há também descrédito quanto aos métodos de proteção contra incêndio dos museus brasileiros, principalmente em virtude de uma instituição tão importante como o MAM não ter um sistema interno automático de extinção de fogo.

Por isto, parece que a campanha lançada pelo diretor do Museu do Prado, Jorge Manuel Pita Andrade, no sentido de se fazer uma coleta de contribuições, para refazer o acervo do MAM, e de artistas plásticos em todo o mundo, doarem suas obras, não deverá sensibilizar muito o público e o mundo das artes plásticas do Reino. Teme-se, inclusive, que tragédia semelhante volte a acontecer. Alguns críticos disseram que o fogo no MAM foi o maior desastre no mundo das artes desde que o rio Arno inundou Florença, em 1966.

MEDIDAS DE SEGURANÇA

Os diretores dos museus britânicos consideram o fogo o inimigo número um 1 de suas preciosas obras de arte e, por isso, as mais perfeitas medidas de segurança são tomadas. Quando os arquitetos planejam a obra, a primeira coisa a aparecer nas pranchetas são os sistemas antífogo, e tudo é feito de acordo com os códigos nacionais e locais, e em contato direto com o corpo de bombeiros. O material usado nas construções é concreto e

estruturas metálicas, e todas as galerias de exposições são em material altamente resistente às chamas.

No Museu de Londres, onde estão muitas das mais importantes obras de arte da humanidade, as medidas antífogo são excepcionais. Há 700 moderníssimos detectores de fumaça de grande sensibilidade, que ao menor sinal de problema dão alarme numa sala especial de segurança. Há também centenas de detectores de calor que indicam toda elevação súbita de temperatura, em qualquer parte do museu, e a sala de segurança, onde se encontra sempre um funcionário especializado atento aos painéis e ao circuito fechado de televisão, 24h por dia.

No caso de qualquer problema, uma equipe constante de quatro homens, altamente treinados, imediatamente se comunica, através de linha direta, com o corpo de bombeiros, que em menos de três minutos estará lá. Há exercícios periódicos antífogo, para que uma emergência não pegue ninguém de surpresa. E vigora uma proibição absoluta de fumar nas dependências, tanto para funcionários como para o público. Enquanto os bombeiros não chegam, na hipótese de um incêndio, a equipe de segurança correria para onde os detectores indicassem problemas, a fim de ver se funcionam os sistemas automáticos antífogo, que entram em ação imediata quando a temperatura sobe e a fumaça aumenta. Eles contam, ainda, com centenas de extintores para concentrar nos pontos que acharem mais necessitados, e mangueiras que alcançam o prédio todo.

Argentina via no MAM o exemplo do que devia fazer

HORÁCIO NIETO MORENO,
exclusivo para O GLOBO

BUENOS AIRES — Os meios artísticos locais sempre viram o Brasil como um exemplo do que se pode fazer pelas artes na América Latina e que a Argentina não fez. E o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro foi sempre o "argumento" mais contundente para justificar esta autocrítica. A idéia de que a iniciativa particular e a oficial reunidas podem realizar trabalhos culturais de importância internacional, quando a inteligência, o desinteresse e o sentimento de nacionalidade se unem, tinha como símbolo a criação desse museu. E a notícia de que seu acervo está hoje reduzido a cinzas ainda repercutiu aqui com um impacto desnorteante.

— Não resta dúvida, entretanto, de que quem teve a força e o talento para construí-lo terá têmpera e a capacidade para reconstruí-lo — disse a pintora Vechy Logioio, ao ser entrevistada a respeito da catástrofe.

Enzo Menichini, marchand, dono da Galeria Bonino de Buenos Aires, declarou: "Do mesmo modo como houve uma reação internacional diante do grave problema de Veneza, que põe em perigo um dos tesouros culturais da humanidade, também deverá surgir — especialmente na América Latina — um organismo internacional para reparar, tanto quanto possível, as perdas causadas por este incêndio".

Menichini ressaltou que "de alguns pintores célebres cujas obras foram queimadas, há ainda no mercado peças que podem ser adquiridas — e os fundos para essas substituições terão de sair da América Latina".

Antonio Mazza, diplomado em Belas-Artes, pintor, comentou: "A criação não tem preço e, por mais dinheiro que se reúna, não se poderá voltar a ter aquilo que se perdeu".

Uma estudante de História da Arte da Universidade de Buenos Aires, Raquel Liza, disse: "Vemos agora até que ponto a arte é patrimônio de todos quando ocorrem essas desgraças. A mesma emoção me causaria a notícia do incêndio de um museu em outro país ou no nosso. Esta não é uma desgraça só para o Brasil, mas para todo o mundo".

MUTILAÇÃO

Horácio Armani, poeta, tradutor de Montale, declarou: "Já se disse e repetiu que o incêndio da Biblioteca de Alexan-

dria significou um atraso irreparável para a cultura da humanidade. Toca agora às artes plásticas uma mutilação que deixará sua marca indelével na história do espírito. Diante do irremediável e do fortuito, só cabe o estupor e a desolação. Porém, mais do que qualquer outra coisa, dói a perda da obra de Torres-Garcia. Penso nessa vida e em seu fruto atrozmente desaparecido, e não existe consolo para isto. Aferro-me a uma esperança — a de que a arte, sendo eterna, sobreviva a toda ruína".

Disse o poeta e ensaísta Norberto Silveti: "A consternação é a única resposta. E terrível a perda de obras de Miró, Picasso, de Portinari e Di Cavalcanti. A singularidade da obra de arte pictórica torna particularmente dramática esta perda. Entretanto, a idéia de que uma das poucas contribuições indiscutíveis e definitivas que nossos jovens países deram à história das artes plásticas, como a do uruguaio Torres-Garcia, tenha sido tão ferozmente mutilada, é de uma dramaticidade que ultrapassa qualquer comentário".

Marcelo Barbadini-Islas, especialista em arte do Renascimento, declarou: "A perda é de todos, mas especialmente dos latino-americanos. As obras de Torres-Garcia desaparecidas criam um vazio cultural do qual é impossível nos consolarmos. Chega-se a pensar se essa experiência não é uma lição. Depois do que ocorreu, será aconselhável reunir tantas obras de um só artista e expô-las a contingências imprevisíveis?".